

RESENHA**A EXPRESSÃO LITERÁRIA TIPICAMENTE FEMININA**

Maria Ozélia Andrade Reges

Procuramos os vestígios das mulheres nos arquivos. Cabe igualmente procurá-los nos materiais impressos e nas bibliotecas. Para ouvir suas vozes – as palavras das mulheres –, é preciso abrir não somente os livros que falam delas, os romances que contam sobre elas, que imaginam e as perscrutam – fonte incomparável –, mas também aqueles que elas escreveram. Folhear nos Jornais e em revista a expressão literária tipicamente feminina e transpor com elas todos os obstáculos que, durante tanto tempo, impediram seu acesso à escrita.

Para muita gente, não são poucos os sinais de uma expressão literária feminina ou mesmo uma escritura “que se faz mulher”. No Acre muitas escrituras tem a afirmação de um jeito feminino de narrar histórias. Florentina Esteves é uma contadora de história, sua voz é ouvida por vias escritas dominicamente no *Jornal Página 20*. Recentemente a professora e doutora em literatura Margarete Lopes publicou “*Motivos de Mulher na Amazônia*”¹ que trata da produção de escritoras acreanas no século XX e muitas outras mulheres escrevem com toque feminino não que seja uma escrita diferente das demais, mas é perceptível quando a escrita é de autoria feminina, parece que tem um odor de rosas – mesmo que não se perceba – há melancolias nas palavras e sua tessitura são vibrantes e fortes. Afirmando isso com certeza absoluta, pois já me delicieei com várias escritas femininas: acreanas, paulistanas, cearenses – saudosa Raquel de Queiróz – francesas como Michelle Perrot na sua obra maravilhosa “*Minha História das Mulheres*”² e Simone de Beauvoir na sua luta incansável pela afirmação da mulher como dona de seu corpo de seus pensamentos.

Calcada nas leituras e produções literárias de um bom número de textos de autoria feminina, pude verificar como elas se distinguem dos demais, por possuírem um tom, uma dicção, um ritmo, uma respiração próprios.

¹ LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. *Motivos de Mulher na Amazônia: Produção de Escritoras Acreanas no Século XX*. Rio Branco: Fundação Elias Mansour/ EDUFAC, 2006.

² PERROT, Michelle. *Minha história das Mulheres*. Trad. Ângela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

Hoje a existência de uma expressão literária feminina é visível nos temas de pesquisas, nos debates, nos ensaios tanto quanto a presença feminina na economia, na política, no judiciário, na policia e em tantas outras profissões que as revelam no espaço público. E a sua história merece interesse tanto por elas como por homens que escrevem sobre elas. Existe um grande arsenal de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, de expressão literária. Muito se fala em Mary Del Priori ³, Simone de Beauvoir, George Sand, Michelle Perrot, Ágata Cristhie – com seus romances policiais –, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Teles, mas aqui em meio a floresta Amazônica encontramos mulheres escritoras com um talento fenomenal com escritos que emanam de uma expressão tipicamente feminina como Francis Mary – a bruxinha –, Robélia Fernandes, Leila Jalul, Neiva Nara Lins, Terezinha Miguéis, Vânia Lilian, Florentina Esteves, Margarete Lopes e tantas outras mulheres tocadas pela magia da escrita tipicamente feminina.

A linguagem feminina produz sentidos que servem para expressar o que elas sentem, para falar do corpo, da alma, do silêncio, da poesia, para retratar a vida pessoal, bem como especificamente falar sobre a violência contra a mulher... É aí que vem à mente uma Lei com nome de mulher: Maria da Penha, professora e escritora cearense, militante na luta contra a violência doméstica e familiar.

Por fim, em cada cantinho do Brasil se faz presente a escrita feminina nos jornais e nas revistas as formas de expressão de uma escrita tipicamente feminina são evidentes. E o que imaginamos e falamos por vias escritas fala sobre nós mulheres.

³ DEL PRIORY, Mary. (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.